

Considerações Finais

Esta pesquisa buscou conhecer um pouco mais sobre a perspectiva da mulher de meia-idade que vivenciou o processo de separação de um casamento duradouro. A opção de estudar o tema se deu em função de que casos assim são, cada vez mais, comuns na contemporaneidade, devido a diversos fatores como o aumento da longevidade, a emancipação feminina, a individualização da sociedade, a perda de influência da religião, entre outros. O trabalho vem ainda preencher uma lacuna, uma vez que poucos estudos até o momento se debruçaram sobre o “divórcio grisalho”.

Entrevistamos mulheres que pediram a separação de um casamento com mais de vinte anos; com isso, a pesquisa nos permitiu observar uma mudança de atitude da mulher com o passar do tempo: no início do casamento, a maioria delas se encaixou no perfil da instituição família marcada pela divisão sexual do trabalho; depois de alguns anos, essa estabilidade foi quebrada, as mulheres foram influenciadas pela transformação daquele perfil de instituição do casamento para outro mais igualitário a partir, principalmente, do questionamento - tanto das duas dicotomias típicas da construção de gênero da família conjugal (mundo público e privado), quanto das normas de comportamento afetivo-sexual diferenciadas para homens e mulheres. É interessante lembrar que duas das dez entrevistadas já tinham rompido um pouco com tais preceitos logo no início do casamento. Elas retratam, portanto, o cenário de transição que vivenciamos, a mudança de um padrão institucionalizado de divisão sexual do trabalho, de relações de gênero, de casamento e família desde a metade do século XX até os dias atuais.

Não podemos deixar de frisar que, muito embora a maioria das mulheres fosse responsável pela casa e pelos filhos, muitas já tinham um trabalho remunerado, ou seja, já circulavam pelo universo público. Foi possível também confirmar o que investigações anteriores já haviam revelado: que a procriação acentua as diferenças entre homens e mulheres, retornando assim ao modelo de família tradicional, em que possuem papéis complementares. Quatro das seis mulheres que trabalhavam fora (e com filhos) privilegiaram a função de mãe em

vez de despender mais tempo em suas carreiras, optando por horários flexíveis para se manterem mais presentes no lar. Outras três participantes não exerciam qualquer atividade extradomiciliar remunerada inclusive, em grande parte do período conjugal, no intuito de atender às demandas da casa e dos filhos. No entanto, após o período de maior dependência dos filhos, seis entrevistadas começaram a questionar sua satisfação e autorealização, acabando assim por esbarrar em seu casamento.

Portanto, podemos observar, através das atitudes e escolhas das entrevistadas, que valores modernos, que estimulam a igualdade e autonomia, convivem simultaneamente com práticas mais tradicionais, que perpassam e acompanham a família. Assim sendo, durante a vida dessas mulheres, aspectos tradicionais e modernos se intercalam de acordo com seu momento de vida e circunstância.

Os dados extraídos dos relatos indicaram outras tendências que foram compartilhadas por diversas participantes. Podemos afirmar, de modo geral, que a escolha pela separação se deu em função da vontade de escapar de um casamento que se tornou intolerável e, com isso, possivelmente construir uma nova relação. No entanto, o divórcio traz consigo, na maioria das vezes, o doloroso e lento processo de ter de reinventar a si mesma, ao cabo de um tempo que variou para as participantes em torno de cinco meses até três anos.

Nove das dez entrevistadas sonhavam com o casamento para a vida toda, o que reflete a força de um ideal de casamento pautado na felicidade conjugal e na durabilidade. Por isso diversas tentativas foram realizadas com o objetivo de conservar a relação, até que, em função do cansaço, da desesperança e da insatisfação, as mulheres deste estudo solicitaram o divórcio aos seus companheiros de tantos anos.

O sentimento inicial de fracasso foi presente em três dos dez relatos deste trabalho, com diferentes intensidades. No entanto, elas tinham total clareza de que o peso de tal sensação se dava em função de um ideal muito difícil de vivenciar na prática. A maioria se deparou com a realidade do divórcio quando se viu tendo de enfrentar a vida sozinha, com medo do futuro e/ou do desconhecido.

Observamos que nenhuma das pesquisadas citou apenas um motivo para a separação, mas sim um conjunto de razões que foram desgastando o casamento,

abalando assim a relação de maneira irremediável. Alocamos os motivos para a separação em seis subcategorias principais; são elas em ordem decrescente de frequência: falta de cumplicidade, alcoolismo ou bebida em excesso, descompasso, dificuldades em função do nascimento dos filhos, problemas financeiros e infidelidade. Nossos resultados foram bem semelhantes aos achados de estudos anteriores. A diferença se concentrou apenas nas frequências em que foram citados, chamando-nos a atenção para o fato de como os efeitos da bebida alcoólica podem ser prejudiciais para um casamento - mencionado por seis participantes de um total de dez. É curioso também perceber como algumas mulheres não tinham muito claro para si - pelo menos conforme disseram durante a entrevista - quais tinham sido os fatores que levaram ao rompimento conjugal; lembravam-se de diversas razões conforme iam narrando suas histórias de vida. Podemos supor que, como algumas já tinham se separado há muito anos, talvez elas não se lembrassem muito bem dos diversos motivos do divórcio; outra possibilidade é a de que talvez fosse a vontade mesmo de “virar a página da separação”, sem questionar muito para si o assunto, deixando o tempo, desse modo, “sara” a ferida.

Em grande parte dos relatos foi possível observar o quanto a questão econômica pesou no processo de separação das entrevistadas, considerando que a maioria delas não era o principal provedor financeiro da casa, mesmo que trabalhasse fora. Dessa forma, elas tiveram de se adaptar a um padrão econômico mais baixo, buscar oportunidades de trabalho e, muitas vezes, até começar uma profissão do zero. Muitas se julgaram “guerreiras” e “corajosas” por não terem desistido no meio do percurso, tendo em vista que a maioria teve de lidar com diversos obstáculos. Embora tenha havido e/ou haja dificuldades ao longo do caminho, as participantes acreditam que passaram pelo pior e que agora estão felizes com seu momento presente.

O fato de estarem na meia-idade na época da separação não gerou um receio significativo para as participantes. Isso talvez tenha ocorrido em função das idades variarem de 43 até 52 anos, ou seja, relativamente distantes da faixa etária da velhice. Entretanto, no momento em que levantamos a hipótese da separação acontecer com a idade atual, entre 50 e 65 anos, o discurso de algumas entrevistadas mudou bastante. Podemos pensar que sentimentos de insegurança e

outros relativos à menopausa e à proximidade da velhice colaboraram para essa variação das respostas; sendo assim, esse tema parece ser interessante para estudos posteriores.

Evidenciamos, nesta pesquisa, a maneira pela qual um novo relacionamento afetivo auxiliou oito das dez participantes no enfrentamento das dificuldades no processo de separação - tanto no resgate da autoestima, como na recuperação de aspectos esquecidos de si mesmas. Porém, no período da entrevista, apenas duas vivenciavam uma relação estável, enquanto a maioria se dizia tranquila em estar só. Percebemos então o quanto elas se tornaram mais seletivas em relação à busca de um parceiro, já que suas experiências afetivas passadas possibilitavam uma comparação e escolha do que querem ou não para um novo relacionamento. Outra descoberta importante deste estudo foi a grande aceitação do arranjo LAT, isto é, sete de dez entrevistadas disseram preferir esse modelo à coabitação. Além disso, deparamo-nos com o fato de que as participantes frisaram não ter interesse em namorar alguém muito mais novo do que elas, contradizendo, assim, a mensagem veiculada pela mídia nos tempos atuais.

A psicoterapia também aparece como importante recurso para o enfrentamento das dificuldades do divórcio, mencionada por sete das dez mulheres. Sua importância se deu mesmo antes, como também posteriormente, ao divórcio no intuito, principalmente, de proporcionar um maior autoconhecimento e um fortalecimento de si própria. Além disso, familiares e amigos também foram suportes estratégicos para lidar com as dificuldades da separação.

Podemos concluir que, apesar de todos os percalços presentes no divórcio tardio, as mulheres disseram usufruir de uma sensação de independência e autoconfiança que nunca tiveram antes durante o casamento. Elas se sentiam muito bem pela capacidade de “terem um bom segundo tempo na vida”. Mesmo com diversos obstáculos - dificuldades econômicas, a sensação de solidão, os problemas familiares e afastamento de amigos – todas as entrevistadas acreditaram ter agido corretamente quanto ao pedido de separação, não apenas para si mesmas, mas para o bem-estar do ex-cônjuge e dos filhos. Faz-se necessário enfatizar aqui a força e a valorização pessoal que as pesquisadas

adquiriram depois de passarem pela quase sempre difícil e dolorosa experiência que é o divórcio.

Então a questão é: será que o divórcio invalida todo um investimento afetivo, emocional, familiar presente num casamento? Acreditamos que não, pois apesar dos possíveis desentendimentos e sofrimentos que persistiram em muitas relações, períodos gratificantes e felizes também podem ter existido, por como exemplo, o nascimento de filhos. Além disso, na atualidade, a partir do momento em que casamos, passamos a viver com a possibilidade do divórcio, tendo em vista que a maioria das pessoas não se dispõe a manter um casamento que não lhe proporcione as satisfações esperadas, independentemente da faixa etária dos cônjuges e do tempo de relação. Além disso, uma separação pode ser sadia à medida que as pessoas transformem o amor em outro sentimento como, por exemplo, carinho e amizade, e permaneçam respeitando e reconhecendo o ex-companheiro como parte de sua vida. É importante salientar que não estamos propondo a separação como saída para qualquer conflito ou desentendimento, mas, muitas vezes, é uma opção adequada para relações que se encontram sofridas e infelizes.

Esperamos que este estudo tenha contribuído para a possibilidade de compreender um pouco mais o “começar de novo”, a partir do olhar feminino, numa fase já mais avançada da vida, livre de preconceitos e estigmas. Não tivemos a intenção de julgar o que é melhor ou pior, ou até mesmo de buscar soluções. Nosso propósito foi propiciar a ampliação do debate acerca do tema proposto e oferecer subsídios não só ao profissional de psicologia como também para homens e mulheres que se encontram frente a tais desafios e circunstâncias.